

PERFIL DOS AUTORES E CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE CAMPINA GRANDE, PARAÍBA- BRASIL

PROFILE OF PERPETRATORS AND CHARACTERISTICS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN A REFERENCE CENTER IN CAMPINA GRANDE, PARAÍBA- BRAZIL

LIMA, Maria Angelica de Sousa¹
SANTOS, Anna Karoline Cândido dos²
LIMA, Tais Layane de Sousa³
SANTOS, Sheila Milena Pessoa dos⁴
NORONHA, Juliana Andréia Fernandes⁵
GONÇALVES, Roberta Lima⁶

1 - Estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba, Brasil. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Contato: angelicasousa808@gmail.com

2 - Estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba, Brasil. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

3 - Estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba, Brasil. Centro de Educação e Saúde.

4 - Professora adjunta do curso de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em enfermagem pela Universidade de Minas Gerais.

5 - Professora adjunta do curso de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em enfermagem pela Universidade de Minas Gerais.

6 - Professora adjunta do curso de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em enfermagem pela Universidade de Minas Gerais.

RESUMO

Introdução: A violência de gênero é uma grave violação dos direitos humanos e resulta das relações desiguais de poder entre mulheres e homens. A caracterização da violência pode contribuir para ações de enfrentamento a partir dos fatores relacionados aos agressores e aos atos violentos.

Objetivo: Analisar o perfil dos autores e as características da violência perpetrada contra a mulher em um Centro de Referência do Nordeste brasileiro. **Métodos:** Estudo quantitativo, transversal, descritivo, do tipo documental, desenvolvido entre setembro e novembro de 2021, a partir de fichas de atendimento de 250 mulheres em situação de violência. Utilizou-se um instrumento estruturado e a análise descritiva foi realizada por meio da frequência absoluta e relativa. **Resultados:** Predominam os autores na faixa etária de 36 a 50 anos, ensino médio completo, gênero masculino e heterossexual, casado, empregado e em ocupação de caráter formal. A maioria dos autores são conhecidos das mulheres, usuários de drogas lícitas e possuem grau de relação de companheiro. A violência psicológica e a violência física foram as mais frequentes, em alguns casos atrelados ao uso de objetos. **Conclusão:** O estudo identificou o perfil dos autores e as características relacionadas ao ato de violência contra as mulheres. Tais informações contribuem para conformar políticas, medidas socioeducativas e intervenções mais eficazes que podem ser instauradas no âmbito público.

PALAVRAS CHAVE: Saúde Pública; Enfermagem; Violência de gênero; Perfil de saúde.

ABSTRACT

Introduction: Gender-based violence is a serious violation of human rights and results from unequal power relations between women and men. The characterization of violence can contribute to coping actions based on factors related to aggressors and violent acts. **Objective:** To analyze the profile of the perpetrators and the characteristics of violence perpetrated against women in a Reference Center in the Brazilian Northeast. **Methods:** Quantitative, cross-sectional, descriptive, documentary study, developed between September and November 2021, based on care records from 250 women in situations of violence. A structured instrument was used and the descriptive analysis was carried out using absolute and relative frequency. **Results:** The authors predominate in the age group of 36 to 50 years, completed high school, male and heterosexual, married, employed and in a formal occupation. Most of the authors are known to women, users of legal drugs and have a partner relationship. Psychological violence and physical violence were the most frequent, in some cases linked to the use of objects. **Conclusion:** The study identified the profile of the perpetrators and the characteristics related to acts of violence against women. Such information contributes to shaping more effective policies, socio-educational measures and interventions that can be implemented in the public sphere.

KEYWORDS: Public Health; Nursing; Gender-based violence; Health profile.

INTRODUÇÃO

A violência de gênero é um problema de saúde pública mundial que resulta das relações desiguais de poder entre mulheres e homens, e consiste em uma grave violação dos direitos humanos¹. Tal tipo de violência conceitua-se como atos que afetem a vida pública ou privada da mulher, capazes de produzir danos ou sofrimento físico, sexual, psicológico, moral e patrimonial. Os atos de violência podem incluir ameaças, coerção ou privação da liberdade².

Estimativas indicam que durante a vida, cerca de uma em cada três mulheres nas Américas foi submetida a violência física e/ou sexual por parceiro íntimo ou violência sexual por desconhecido. Em todo o mundo, 38% dos assassinatos cometidos contra as mulheres são por parceiro íntimo do sexo masculino. As estimativas de prevalência da violência variam de 23,2% nos países de maior renda e 24,6% na região do Pacífico Ocidental, 37% na região do Mediterrâneo Oriental e 37,7% na região do Sudeste Asiático³.

A violência perpetrada contra a mulher pode causar problemas de saúde de ordem física ou psicológica, manifestadas a curto ou longo prazo, afetando mulheres em diferentes faixas etárias¹. As consequências diretas ou indiretas englobam danos à saúde mental, transtornos ligados ao

consumo abusivo de álcool e tabaco, maior probabilidade de contrair infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV, e maior risco de parto prematuro⁴. Além de afetar a mulher, o núcleo familiar também é acometido, pois crianças que vivenciam a violência doméstica têm mais chances de desenvolver transtornos mentais⁵.

Outrossim, ressalta-se as repercussões sociais da violência na vida das mulheres, mães, filhas, provedoras e profissionais, pois a vivência dos atos violentos pode gerar grandes perdas, incluindo econômicas, visto que o grande abalo físico e emocional causados pela violência pode ocasionar a falta de concentração, isolamento, absenteísmo, perda de satisfação nas atividades laborais e, conseqüentemente, a perda de empregos⁶.

Na perspectiva do autor da violência, análises tradicionais colocam como causas dos atos violentos, os transtornos psicossociais individuais vivenciados pelo homem, suas experiências problemáticas pessoais, que determinariam a agressividade e as mudanças de personalidade. Todavia, isso minimiza e desconsidera os fatores estruturais sustentados culturalmente, que promovem a violência de gênero. De outra perspectiva, considera-se que os altos índices de violência contra as mulheres têm como pilares o patriarcado, instituído como sistema social, a dominação, a desigualdade de gênero, que supervaloriza o homem e reduz a identidade feminina à submissão por meio da ruptura dos seus direitos igualitários. Todos esses fatores cooperam para construção de perfis misóginos e sexistas criados ao longo da história que inferiorizam e subordinam a mulher⁷.

Os indivíduos que praticam atos de violência contra a mulher apresentam um perfil específico que, por sua vez, corresponde a adultos jovens casados, de baixa escolaridade e com trabalho remunerado que, por diversas vezes, possuem antecedentes criminais, principalmente relacionados à violência de gênero e uso de álcool e/ou drogas. Ademais, geralmente, a violência é praticada por pessoas com que as mulheres mantinham relações conjugais, domésticas ou familiares em algum momento de suas vidas⁵.

Ao considerar que a violência está inserida no cotidiano da população feminina⁵, buscou-se identificar na literatura científica estudos locais, que considerassem as características dos autores e da violência cometida contra as mulheres. Entretanto, os estudos identificados são escassos^{8,9}, não

contemplam aspectos específicos, como o uso de drogas pelo autor, que podem contribuir para construção de estratégias de enfrentamento da violência na perspectiva dos autores, como também não foram realizados em centros de referência para mulheres em situação de violência. Desse modo, questionou-se qual o perfil dos autores e as características da violência cometida contra mulheres em um centro de referência?

Esta investigação pautou-se na relevância do investimento em pesquisas sobre o tema da violência para a consolidação de ações e estratégias efetivas no Brasil. Tal aspecto é pontuado pela Lei 11.340/2006, Lei Maria da Penha, que orienta como medidas integradas de prevenção, a realização de estudos que produzam informações relevantes acerca da violência perpetrada contra a mulher¹⁰. Nesta direção, o estudo teve como objetivo analisar o perfil dos autores de violência perpetrada contra a mulher e as características relacionadas à violência em um centro de referência do Nordeste brasileiro. Considerou-se que estudos que realizem essa caracterização são de extrema relevância pelo potencial de gerar informações inerentes ao combate à violência de gênero direcionada às mulheres e podem apoiar as ações de enfrentamento em centros de referência e demais serviços que compõem a rede de atenção à mulher.

MÉTODOS

Tratou-se de um estudo quantitativo, transversal, de caráter descritivo, do tipo documental, caracterizado como uma subcategoria de estudos observacionais, onde o pesquisador não intervém, portanto, exclusivamente observa e registra os dados coletados para posterior análise¹¹.

O estudo seguiu as recomendações da ferramenta *Strengthening the reporting of observational studies in epidemiology* (STROBE)¹².

A pesquisa foi realizada em um centro de referência à mulher vítima de violência, localizado na cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil.

O Centro iniciou as atividades a partir de 12 de dezembro de 2012 com o objetivo de proporcionar atendimento especializado às mulheres em situação de violência. É um órgão do Governo do Estado da Paraíba e atende toda comunidade de Campina Grande e cidades circunvizinhas. O acesso ao

atendimento no Centro pode ser por demanda espontânea ou por encaminhamento de delegacias de referência à mulher, centros de referência de assistência social, serviços de saúde, entre todos os outros serviços que compõe a rede de atendimento. A equipe é composta por assistente social, advogada, psicóloga e técnicas que auxiliam na recuperação dos direitos das usuárias em situação de violência.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2021, por meio de um instrumento estruturado, elaborado a partir das informações contidas nas fichas de atendimentos das mulheres assistidas pela equipe do centro entre dezembro de 2012 e setembro de 2021. Essas fichas correspondem ao atendimento individual realizado para toda mulher que acessa o serviço. Esses dados ficam armazenados em arquivo, sob a responsabilidade do centro e da Secretaria da Mulher do Estado. Para ter acesso às informações, obteve-se a anuência da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana do estado da Paraíba.

Em seguida, foi agendado um encontro com a coordenadora do centro para repasse das informações sobre a pesquisa e a organização da dinâmica de extração dos dados das fichas. Utilizou-se uma sala reservada para esse procedimento e cada visita durou em torno de quatro horas, perfazendo um total de 60 horas de coleta de dados. Em alguns casos foi preciso rever divergências identificadas entre as fichas de atendimento e os registros de controle realizados pelas técnicas do centro.

Para composição da amostra foi utilizada a fórmula para cálculo de população finita, com estimativa de 30% de prevalência de violência contra a mulher cometida por parceiro íntimo³. Ao considerar a população atendida no centro de referência em estudo entre dezembro de 2012 e setembro de 2021 (1.048 mulheres), com intervalo de confiança de 95% e margem de erro de 0,05, encontrou-se uma estimativa de 250 mulheres. A amostragem foi probabilística do tipo aleatória simples. Desse modo, a seleção ocorreu por meio de sorteio e, portanto, todas as fichas tiveram a mesma probabilidade de serem selecionadas para compor a amostra.

O instrumento para extração de dados, elaborado pelas pesquisadoras, consistiu em um formulário padronizado composto pelas seguintes variáveis: conhecido da vítima, grau de relação com a mulher, localidade, deficiência, faixa etária, gênero, orientação sexual, estado civil, escolaridade,

profissão, renda mensal, uso de psicofármacos, uso de drogas, situação no mercado de trabalho, ciúmes, antecedentes criminais, violência contra familiares, violência contra outras pessoas, violência em relacionamentos anteriores, como se deu a ocorrência e o tipo de violência praticado. Além das variáveis, também havia um espaço reservado para anotações e impressões das pesquisadoras, nomeado como diário de campo.

Foram incluídas as informações das fichas com preenchimento completo ou parcial de mulheres que tenham procurado o centro para atendimento em caso de violência. Como critérios de exclusão, estabeleceu-se: fichas com preenchimento apenas da variável "nome do autor" ou fichas onde a usuária conhecia o autor, mas não tinha nenhum dado do mesmo na ficha. Os dados ausentes ou os casos em que o autor era desconhecido foram inseridos em "não consta".

Os dados foram conferidos, digitados e organizados por duas pesquisadoras em uma planilha no *Microsoft Excel* (2010), que também possibilitou a análise descritiva e a apresentação em frequência absoluta e relativa. A apresentação dos dados resultou em dois agrupamentos que seguem as informações quanto aos dados sociodemográficos do autor e as características relacionadas à violência cometida.

A pesquisa respeitou as especificações presentes na Resolução nº 466/12, que dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Portanto, foi submetida à apreciação do Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal de Campina Grande e a coleta de dados só foi iniciada após sua aprovação, mediante o parecer de número 4.935.446 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 48743621.0.0000.5182.

RESULTADOS

Foi possível identificar que o perfil sociodemográfico dos autores de violência é predominantemente na faixa etária de 36 a 50 anos, ensino médio completo, gênero masculino, heterossexual, casado, empregado e com ocupação de caráter formal, apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos autores de violência. Campina Grande, Paraíba, Brasil – 2022.

Aspectos sociodemográficos	n (250)	%
Faixa etária		
Igual ou menor que 20 anos	11	4,4
Entre 21 a 35 anos	79	31,6
Entre 36 a 50 anos	86	34,4
Igual ou maior que 51 anos	55	22
Não consta	19	7,6
Escolaridade		
Analfabeto	13	5,2
Fundamental incompleto	51	20,4
Fundamental completo	34	13,6
Médio completo	56	22,4
Superior completo	16	6,4
Não consta	80	32
Gênero		
Masculino	232	92,8
Feminino	6	2,4
Não consta	12	4,8
Orientação sexual		
Heterossexual	147	58,8
Homossexual	2	0,8
Não consta	101	40,4
Estado civil		
Casado	67	26,8
União estável	64	25,6
Solteiro	63	25,2
Outros	27	10,8
Não consta	29	11,6
Situação no mercado de trabalho		
Empregado	89	35,6
Desempregado	48	19,2
Autônomo	59	23,6
Não consta	54	21,6
Tipo de ocupação		
Ocupação formal	151	60,4
Ocupação informal	42	16,8
Não consta	57	22,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao analisar a renda dos autores, comparou-se o salário mínimo vigente referente ao ano e a média da renda dos autores do mesmo ano. Deste modo, somente no ano de 2018 a renda média dos autores foi menor que o salário mínimo vigente. Nos demais anos (2012, 2013, 2014, 2015, 2016,

2017, 2020, 2019, 2021) a renda média dos autores esteve acima do salário mínimo vigente, chegando em 2012 a R\$ 1.678,00 de diferença.

No que concerne às características relacionadas à violência, os autores são conhecidos das mulheres, usuários de drogas lícitas e possuem grau de relação de companheiro. Em relação ao tipo de violência cometida o maior número de autores praticou a violência psicológica, seguida de violência física, conforme apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 – Características relacionadas a violência. Campina Grande, Paraíba, Brasil – 2022.

Aspectos relacionados à violência	n (250)	%
Conhecido da mulher		
Sim	241	96,4
Não	9	3,6
Grau de relação com a mulher		
Companheiro	109	43,6
Ex-companheiro	76	30,4
Outros	53	21,2
Não consta	12	4,8
Uso de drogas pelo autor		
Sim	108	43,2
Não	85	34
Não consta	57	22,8
Tipo de droga		
Lícitas	68	75
Ilícitas	23	33,3
Ambas	12	12,04
Não Consta	4	3,7
Tipo de violência		
Psicológica	232	92,8
Física	176	70,4
Uso de objetos	60	34
Moral	154	61,6
Patrimonial	122	48,8
Sexual	94	37,6

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Com relação ao uso de drogas considerou-se apenas as respostas afirmativas contidas nas fichas de atendimento, que não especificavam o tipo de substância, a frequência e a quantidade consumida pelo autor.

Em alguns casos os atos violentos estiveram atrelados ao uso de objetos, como perfuro-cortantes (facas, facões), arma de fogo, cintos, objetos contundentes (barra de ferro, móveis, capacetes), entre outros. Destaca-se também que em alguns casos o autor cometeu mais de um tipo de violência.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados possibilitou constatar que os autores de violência cometida contra as mulheres atendidas no centro de referência em estudo eram adultos em diferentes faixas etárias, com predominância de adultos maiores de 30 anos. Uma realidade próxima a essa foi identificada por outros estudos, que evidenciaram predomínio de homens entre 30 a 49 anos e de 26 a 34 anos^{13,14}. Embora se constate a predominância de idade a partir da terceira década, é possível identificar que a violência esteve presente nas demais faixas etárias. Dessa forma, é plausível relacionar a prática da violência com a construção histórica da sociedade que perpassa por várias faixas etárias, que é marcada por atos agressivos e de repressão contra as mulheres, reproduzindo as práticas machistas e misóginas.

No tocante ao estado civil dos autores, verificou-se a predominância de relacionamentos estáveis. Esse resultado converge com outro estudo que identificou que a maioria dos autores eram casados⁸. Historicamente, a união afetiva coloca o homem como dominador e controlador da relação, isso muitas vezes incentiva e encoraja os atos de violência. Contudo, destaca-se que os percentuais de casados, união estável e solteiro foram aproximados e, portanto, cabe refletir a respeito de que independente do estado civil, a violência contra a mulher pode vir a acontecer³.

Observou-se que a maioria dos autores possuía o grau de instrução correspondente ao ensino médio completo, que difere de outro estudo realizado na cidade de Campina Grande (PB) sobre o perfil dos agressores, que evidenciou o grau de instrução baixo, sendo a maioria analfabeta ou não concluinte do ensino fundamental⁹. Condizente com o nível educacional mais elevado, observou-se que a ocupação exercida pelos autores era formal e foram identificados cargos como professor, segurança, policial militar, servidor público, médico, pedreiro, auxiliar de pedreiro, engenheiro, atendente, entre outros. Assim, pode-se inferir que independente do grau de instrução ou da ocupação exercida, a violência está atrelada ao comportamento do homem/autor, o que reforça a

constatação de que a violência perpetrada contra a mulher emerge de um contexto cultural de gênero.

Ao verificar a renda, no presente estudo foi possível identificar que o salário dos autores esteve acima do salário mínimo de cada ano. Em outro estudo, também foi identificado que os agressores possuíam alguma renda formal, 75% possuíam plano de saúde e 80% casa própria¹⁵. Dessa forma, considera-se que a violência cometida contra a mulher em sua maioria não está relacionada somente com a vulnerabilidade social e baixa renda do autor, pois se relaciona à perspectiva de superioridade que o homem acredita ter devido ao histórico de opressão das mulheres.

Em análise sobre a violência de gênero, um estudo observou a correlação do domínio e o controle masculino sobre o dinheiro, a tomada de decisão e comportamento como umas das principais causas da violência de gênero. Notou-se que, frequentemente, os homens estiveram associados à obrigação de exercer o sustento da família trabalhando fora de casa, enquanto as mulheres estiveram associadas a trabalhos domésticos, no qual não obtinham remuneração¹⁶.

Ao comparar a média de salário entre homens e mulheres, a qual o dos homens é superior, observa-se que a relação desigual entre os papéis de homens e mulheres no trabalho associa-se ao mecanismo de dominação e exploração atribuído ao capitalismo que acaba se relacionando e se fortalecendo com o sistema de dominação e submissão existente no patriarcado¹⁷. O capitalismo explora as classes trabalhadoras e o patriarcado apodera-se e reprime as mulheres. Assim, as mulheres são vítimas duas vezes demonstrando que a desigualdade social de oportunidades entre homens e mulheres presente no cotidiano, contribui intensificando e encorajando o homem a cometer o ato da violência¹⁸.

Com relação ao gênero, a predominância masculina foi identificada em outras pesquisas e concorda com os dados encontrados neste estudo¹³. Em um estudo realizado na Inglaterra também foi identificada a mesma realidade na qual os agressores de violência doméstica eram do gênero masculino¹⁹. Dessa forma, é possível discutir sobre a socialização de gênero e a violência doméstica, que de maneira patriarcal, influencia homens e mulheres na prática das desigualdades de gênero, visto que, desde a infância ambos evidenciam as divisões de papéis, em que o homem é tido

como provedor central da casa. São exemplos dessa divisão de tarefas de acordo com o gênero, a dominação de pais e irmão(s) e o autoritarismo exercido pelos pais²⁰.

Neste sentido, as experiências vivenciadas desde a infância, contribuem para que as mulheres passem a ter relacionamentos com homens que reproduzem o mesmo comportamento machista exercido pelo pai, fazendo com que tenha uma maior influência na visão diante da violência, sendo, em alguns casos, incapaz de atribuí-la como algo errado ou fora do padrão²⁰.

Ainda nessa perspectiva de gênero, foi identificado nesse estudo que além da predominância de autores do gênero masculino, eles são identificados pelas usuárias como heterossexuais, que implica em uma discussão sobre a masculinidade hegemônica, na qual o homem comporta-se, diante da sociedade, como aquele que não demonstra fragilidade, emoções, cuidado em seus relacionamentos, mas aquele cheio de força e virilidade²¹. Tal fato, na maioria das vezes, contribui como um dos fatores mais determinantes para violência, pois o homem enxerga-se em uma posição superior em relação à mulher. Quando algo foge do controle masculino ou não acontece da forma que o mesmo deseja, o homem exterioriza a sua "força" sobre a vítima, culminando na violência de gênero.

No que diz respeito ao grau de relação com a usuária, na maioria dos casos, o autor era companheiro da vítima, seguido de ex-companheiro. Em concordância com a Organização Mundial de Saúde, que afirma que a maioria das violências contra as mulheres são cometidas pelos seus parceiros íntimos. O vínculo de ex-companheiro também é mencionado em estudos. Isso pode estar ligado à desigualdade de gênero implantada na sociedade e a alguns fatores que podem instaurar a violência, sendo eles, discórdia e descontentamento na relação, má comunicação entre o casal, comportamentos controladores sobre a parceira e abuso de substâncias^{3,22}.

Sobre o uso de substâncias, identificou-se que os autores faziam uso de drogas, em conformidade com outros estudos^{14,15}. Outra pesquisa sobre a associação do uso de substâncias e a violência por parceiro íntimo, demonstrou que ingerir bebida alcoólica e fazer uso de *cannabis* está associado a perpetração da violência^{23,24}. Diante disso, os autores colocaram a influência das drogas na potencialização das violências, visto que, muitas vezes a discussão pode ser desencadeada pelo fato de o agressor encontra-se sob efeito dessas substâncias, como também afirmaram que os homens que

fazem constantemente uso de drogas têm probabilidade maior de cometer violência, comparado aos que não fazem uso.

Acerca dos tipos de violência, verificou-se que a violência psicológica foi predominante quando comparada às demais expressões dos atos violentos. Caracteristicamente, este tipo está presente na maioria dos casos de violência por parceiro íntimo, comumente silenciosa, apresenta-se por meio de xingamentos, ameaças, humilhações, diminuição da autoestima e geralmente desencadeiam sofrimentos psicológicos na mulher²⁵. Um estudo realizado na cidade de Campina Grande (PB) mostrou a violência psicológica como mais incidente e sempre atrelada a outros tipos de violência, principalmente vinculada à física⁸.

Ademais, a violência física também foi identificada e em alguns casos esteve atrelada ao uso de objetos. No estudo verificou-se que 34% dos autores fizeram uso de algum objeto, sendo esses citados pelas usuárias como objetos perfurocortantes (facas, facões), arma de fogo, cintos, objetos contundentes (barra de ferro, móveis, capacetes), entre outros. Para realização da violência, objetos perfurocortantes são os mais utilizados e substâncias quentes menos utilizadas²⁶. Em um estudo realizado nos EUA com vítimas de violência que deram entrada em um pronto socorro, os principais mecanismos violentos foram lesão não intencional 35,9%, objetos contundentes 22%, corte e perfuração 2,2%, ao mesmo tempo em que lesões por arma de fogo foram pouco citadas²⁷. Dessa maneira, o autor utiliza de objetos no intuito de concretizar ou intensificar o ato violento, como também, demonstra exercer sua força e dominação contra a mulher.

A violência de gênero é um problema de caráter social e cultural que infringe os direitos das mulheres e afeta sua vida em várias dimensões, assim o enfrentamento à violência não deve envolver apenas o combate, como também a prevenção e conscientização dos autores diretos e indiretos. Contudo, é imprescindível estudos que identifiquem o perfil dos autores para que abordagens educativas e integralizadas quanto igualdade de gênero seja instituída para esses públicos.

CONCLUSÃO

O estudo delineou o perfil dos autores de violência e as características relacionadas. Com isso, constatou-se que o perfil dos autores de violência doméstica em um centro de referência no Nordeste Brasileiro é na faixa etária de 36 a 50 anos, ensino médio completo, gênero masculino, heterossexual, casado, empregado e em ocupação de caráter formal. Quanto às características relacionadas à violência, os autores possuem relações diretas com as vítimas. Em relação ao tipo de violência mais cometido, praticou-se a violência psicológica, seguida de violência física que em alguns casos esteve atrelada ao uso de objetos.

Como limitação do estudo pode-se apontar os dados indiretos que foram coletados das fichas de atendimento das usuárias e o fato de algumas não estarem preenchidas por completo, faltando informações importantes, tais como: localidade, deficiência, uso de psicofármacos, violência contra familiares/outras pessoas, comportamento ciumento do autor, antecedentes criminais e comportamento agressivo com companheiras anteriores. Posto isso, é relevante mencionar a importância dos profissionais responsáveis terem um olhar especial no momento do preenchimento dos dados sociodemográficos dos autores, em fichas de mulheres que foram vítimas de violência.

Desse modo, é imprescindível que os profissionais atuantes identifiquem detalhadamente a história da mulher em situação de violência e também do autor, pois assim é possível analisar as circunstâncias e os fatores que estão associadas ao ato. Reitera-se que o domínio dessas informações pode fundamentar intervenções e medidas mais efetivas contra a violência perpetrada contra as mulheres.

Por fim, observa-se que o estudo preenche uma lacuna ao retratar a caracterização do perfil dos autores, visto que com essas informações, políticas, medidas socioeducativas e intervenções mais eficazes podem ser instauradas no âmbito público. Além do mais, estudos documentais como esse se fazem necessários em outras localidades, pois poderão contribuir para a construção de um retrato mais fiel da realidade brasileira no que tange à violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

- 1 - World Health Organization (WHO). Global status report on violence prevention 2014 [Internet]. Geneva; 2014 [cited 2022 Aug 05]. Available from: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793>.
- 2 - Lucena KDT, Deininger LSC, Coelho HFC, Monteiro ACC, Vianna RPT, Nascimento JA. Analysis of the cycle of domestic violence against women. *J Hum Growth Dev.* 2016;26(2):139. doi: 10.7322/jhgd.119238.
- 3 - Organização Mundial da Saúde (OMS). Violência contra a mulher: Fatos importantes [Internet]. Geneva; 2021 [cited 2022 Aug 11]. Available from: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>.
- 4 - Pan American Health Organization (PAHO). Strategy and Plan of Action on Strengthening the Health System to Address Violence against Women [Internet]. Washington; 2015 [cited 2022 Aug 12]. Available from: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/18386/CD549Rev2_por.pdf?sequence=9&isAllowed=y.
- 5 - Gallon AA, Mueller AA. Violência contra a mulher: consequências e políticas de enfrentamento. *Humanidades em Perspectivas.* [Internet]. 2021 [cited 2022 Sept 20];3(7):20–34. Available from: <https://www.revistasuninter.com/revista-humanidades/index.php/revista-humanidades/article/view/150>.
- 6 - Carvalho JR; Oliveira VH. Violência Doméstica e seu Impacto no Mercado de Trabalho e na Produtividade das Mulheres. Fortaleza (CE): UFC/IMP; 2017.
- 7 - Trujillo Cristoffanini M, Contreras Hernandez P. Violencia de género: prevalencia, imaginarios sexistas, y mitos en la juventud universitaria. *Apuntes. Revista de ciencias sociales.* [Internet]. 2021;48(88):35-55. doi: <https://doi.org/10.21678/apuntes.88.1316>
- 8 - Silva GCB, Nóbrega WFS, Melo Neto OM, Soares RSC, Olinda RA, Cavalcanti Sd'ÁLB, et al. Distribuição espacial e perfil epidemiológico das notificações da violência contra a mulher em uma cidade do nordeste brasileiro. *Arch Heal Investig.* [Internet]. 2020;8(10):e176806. doi: 10.21270/archi.v8i10.3814.
- 9 - Brasileiro AE, Melo MB. Agressores na violência doméstica: um estudo do perfil sóciojurídico. *Rev Gênero, Sex e Direito.* [Internet]. 2016;2(2):189. doi: 10.26668/2525-9849/Index_Law_Journals/2016.v2i2.1373
- 10 - Diário Oficial da União – DOU (BR). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União. De agosto de 2006. [Internet]. [cited 2022 Aug 20]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.

- 11 - Bastos JLD, Duquia RP. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. *Sci Med* [Internet]. 2007;17(4):229-232. Available from: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/scientiamedica/article/view/2806>.
- 12 - Von Elm E, Altman DG, Egger M, Pocock SJ, Gøtzsche PC, Vandenbroucke JP; STROBE Initiative. Strengthening the reporting of observational studies in epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. *PLoS Med*. 2007 Oct;4(10):e296. doi: 10.1371/journal.pmed.0040296.
- 13 - Melo CAS, Araújo JVN, Costa RRF, Alvarenga SRC, Silva EL, Veloso TPS, et al. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres no Município de Marabá – PA. *Res Soc Dev*. [Internet]. 2021; 10(11):e334101119572. doi: 10.33448/rsd-v10i11.19572.
- 14 - Bezerra AR, Rodrigues ZMR. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís - MA. *Geogr Dep Univ Sao Paulo*. [Internet]. 2021;41(11):e176806. doi: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2021.176806.
- 15 - Gedrat DC, Silveira EF, Almeida Neto H. Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira. *Serviço Soc Soc*. [Internet]. 2020;2(138):342-58. doi: 10.1590/0101-6628.216.
- 16 - Gaynor N, Cronin M. ‘A woman’s place...’: community-based approaches to gender-based violence in Malawi. *Community Dev J* [Internet]. 2019;54(2):254–72. doi: 10.1093/cdj/bsx034.
- 17 - Cavalieri CH, Fernandes R. Diferenciais de salários por gênero e cor: uma comparação entre as regiões metropolitanas brasileiras. *Brazilian Journal of Political Economy*. [Internet]. 1998;18(1):162–180. doi: <https://doi.org/10.1590/0101-31572000-1295>
- 18 - Maroneze AR. Patriarcado, desigualdade de gênero e violência : o papel da mulher na sociedade contemporânea. *Coisas do Gênero* [Internet]. 2021;7(1):162-76. Available from: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/854/742>.
- 19 - Bates L. Honor-Based Abuse in England and Wales: Who Does What to Whom? *Violence Against Women*. [Internet]. 2021;27(10):1774-95. doi: 10.1177/1077801220952168.
- 20 - Machado DF, Castanheira ERL, Almeida MAS. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Cien Saude Colet*. [Internet]. 2021;26(suppl 3):5003-12. doi: 10.1590/1413-812320212611.3.02472020.
- 21 - Alves EMCS, Voss DMS. A caixa preta da violência de gênero: masculinidade(s) em deslocamentos. *REVES - Rev Relações Sociais*. [Internet]. 2021;4(3):5003–12. doi: 10.18540/revesv14iss3pp12682-01-11e.
- 22 - Santos LRO, Santos KAO, Silva GRF, Lima FJ, Ferreira MTA, Silva IRV. Characterization of cases of women in situations of violence in a capital of Northeastern Brazil. *Rev Enferm UFPI*. [Internet]. 2022;11(1):e2571. doi: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v11i1.2571>.

23 - Cunradi CB, Caetano R, Alter HJ, Ponicki WR. Association of Cannabis Use and At-Risk Alcohol Use With Intimate Partner Violence in an Urban ED Sample. *J Emerg Nurs*. [Internet]. 2022;48(5):504–14. doi: 10.1016/j.jen.2022.04.002.

24 - Silva LF, Mota V, Silva ML, Bessa J. Caracterização sociodemográfica e clínica do agressor/a conjugal. *Psilogos* [Internet]. 2018;16(2):9-19. Available from: <https://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/13542>.

25 - Echeverria GB. A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade. *Cad Gênero e Divers*. [Internet]. 2018;4(1):131. doi: 10.9771/cgd.v4i1.25651.

26 - Ferreira PC, Batista VC, Pesce GB, Lino IGT, Marquete VF, Marcon SS. Caracterização dos casos de violência contra mulheres. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2020;14(1):131. doi: 10.5205/1981-8963.2020.243583.

27 - Quezada JA, Mustafa Z, Zhang X, Zakhary B, Firek M, Coimbra R, et al. A Nationwide Study of Intimate Partner Violence. *Am Surg*. [Internet]. 2020;86(10):1230-7. doi: 10.1177/0003134820964191.